

## **Qualidade De Vida E Estresse: Uma Análise Para Profissionais De Enfermagem De Um Hospital Privado Do Triângulo Mineiro**

**TAYRINE APARECIDA MESSIAS BORGES**

tayrine\_borges@hotmail.com

**PETERSON ELIZANDRO GANDOLFI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

petersongandolfi@gmail.com

**MARIA RAQUEL CAIXETA GANDOLFI**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

raquelcgandolfi@ufu.br

**EDUARDO P ARANDA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)

adm.eduardoaranda@gmail.com

# **Qualidade De Vida E Estresse: Uma Análise Para Profissionais De Enfermagem De Um Hospital Privado Do Triângulo Mineiro**

## **Resumo**

O trabalho tem por objetivo analisar a relação entre a qualidade de vida e o nível de estresse para os profissionais de enfermagem de um hospital privado do Triângulo Mineiro. Para cumprir esse objetivo, buscou-se o estudo de caso como forma de descrever com mais profundidade e compreender a relação dos entrevistados com seu ambiente de trabalho, suas funções e como elas afetam sua saúde e sua qualidade de vida. Nesse contexto, houve um levantamento de dados e informações a partir dos documentos e relatórios fornecidos. As entrevistas foram realizadas via aplicação de questionário, em um grupo voluntário de onze profissionais da enfermagem em turnos alternados. Ao se verificar a saturação das respostas, optou-se por finalizar as entrevistas, mantendo-se as observações. Por fim, as anotações de campo proporcionaram uma melhor compreensão do trabalho e a rotina desses profissionais. Os resultados apontam para alguns aspectos da profissão identificados como causadores de estresse, principalmente relacionados a sobrecarga de trabalho com profissionais que possuem mais de um emprego devido à baixa remuneração gerando desgaste físico e o desgaste emocional principalmente em relação aos médicos e familiares e/ou acompanhantes dos pacientes. Contudo, foi possível perceber que apesar dos sacrifícios da profissão, o hospital pesquisado consegue suprir bem seus profissionais, com condições de trabalho e qualificação favoráveis. Além disso, verificou-se a presença de elementos atenuantes como, por exemplo, o amor pela profissão e o respeito que estes trabalhadores têm dos seus amigos e família.

**Palavras-Chaves:** Estresse, Qualidade de Vida, Profissionais de Enfermagem.

## **1. Introdução**

A qualidade de vida e bem estar dos profissionais em qualquer área de atuação vem sendo um fator importante a ser considerado pelas organizações. As empresas em qualquer ramo de atividade estão cientes que sem um ambiente propício e cuidados com a saúde física e mental de seus trabalhadores, elas não poderão obter bons resultados dos mesmos. Tal consideração deve-se às mudanças que vem ocorrendo no modo de se trabalhar, com o mundo cada vez mais tecnológico, onde a informatização domina o espaço organizacional, as pessoas estão conectadas com seu trabalho vinte e quatro horas por dia, aumentado as suas ansiedades e, conseqüentemente, criando um “estado” de tensão.

Também existem outros fatores que podem gerar ansiedade e estresse. Por exemplo, podem-se destacar as cobranças para se atingir metas e resultados, o desejo de ser bem sucedido e, até mesmo, a “luta” para se manter no mercado de trabalho. Às vezes, esses mesmos profissionais necessitam de mais de uma ocupação para complementar sua renda, que não seria suficiente para sua sobrevivência com apenas um emprego. Ou ainda precisam trabalhar ao mesmo tempo em que estudam, sobrecarregando-os ainda mais. A dificuldade em conciliar a vida profissional, pessoal e os estudos, leva o indivíduo a se sentir ansioso e frustrado, pois ele não consegue obter resultados positivos em todas essas áreas de sua vida ao mesmo tempo, tornando-o assim propício ao desgaste e ao estresse.

Esse contexto pode ajudar a explicar o alto índice de estresse que afeta a população no mundo. De acordo com uma pesquisa realizada pela “Isma Brasil (Internacional Stress Managment Association), aproximadamente 70 % da população economicamente ativa sofre de estresse” (CORREIO DO ESTADO, 2012). O artigo feito por Schmidt *et al* (2009) citam algumas das síndromes que são desenvolvidas a partir do estresse no trabalho como,

Síndrome Metabólica, Síndrome de Fadiga Crônica, Síndrome de *Burnout*, além de doenças tais como distúrbio do sono, transtornos depressivos, diabetes entre outras.

Devido à importância do assunto, muitos estudos são feitos tentando entender a complexa psique do ser humano e os fatores causadores do estresse, como uma forma de ajudar a prevenir e cuidar da saúde mental e física dos profissionais. Dentre esses profissionais destacam-se os enfermeiros e os técnicos em enfermagem como exemplo de profissionais que são afetados em sua qualidade de vida com altos índices de estresse no trabalho, pois lidam diretamente com o sofrimento, com a dor e, até mesmo, com a morte.

Portanto, identifica-se a oportunidade de se estudar a qualidade de vida desses profissionais em seu ambiente de trabalho. Assim, este estudo tem por objetivo analisar a relação entre a qualidade de vida e o nível de estresse para os profissionais da enfermagem de um hospital privado do Triângulo Mineiro. Para isso, especificamente, buscar-se-á identificar questões relacionadas a ambiente de trabalho, sobrecarga de trabalho, disponibilidade de recursos, questões familiares e pessoais e por fim a existência de elementos que possam atenuar o estresse.

## **2. A qualidade de vida e estresse no trabalho**

### **2.1. Qualidade de vida**

Devido às mudanças tecnológicas que estão ocorrendo às pessoas tem suas vidas pessoais estreitamente ligadas ao seu trabalho. Com as formas de comunicação facilitadas elas ficam conectadas ao seu trabalho em tempo integral, surgindo assim o paralelo da qualidade de vida, inserindo-a no contexto de trabalho.

Assim, a qualidade de vida no trabalho é explicada por Daubermann e Tonete (2012) como a relação da satisfação dos trabalhadores em seu ambiente de trabalho, onde eles possam se sentir seguros, terem bons relacionamentos com os demais envolvidos na organização, além de perceberem oportunidades de mostrarem o seu trabalho. Está ligado também aos fatores físicos do ambiente de trabalho que demonstrem a valorização humana.

A qualidade de vida está também ligada à satisfação do profissional com as suas atividades e seu desempenho. Rebouças, Legay e Abelha (2007) define satisfação no trabalho como “um estado emocional resultante da interação de profissionais, suas características pessoais, valores e expectativas com o ambiente e a organização do trabalho”. Um estudo desenvolvido por esses autores forneceu resultados relevantes para o entendimento dos impactos na saúde física e mental assim como o bem-estar dos profissionais que os seus trabalhos trazem (REBOUÇAS, LEGAY E ABELHA, 2007).

Jacques (2005) menciona a prática de programas de qualidade de vida no trabalho para prevenção e atuação, que são direcionadas às mudanças de comportamento no ambiente de trabalho, às práticas de exercício e relaxamento. Essa preocupação com os trabalhadores está principalmente no fato de que, cuidando da saúde e bem estar de seus colaboradores a empresa tem muito mais a ganhar, em termos de produtividade e eficiência com base na disposição e satisfação do trabalhador com a empresa e seu trabalho.

Outro fator a ser considerado importante no conceito de qualidade de vida dentro das organizações são as doenças que são cada vez mais diagnosticadas entre os profissionais, principalmente o estresse, devido à relação cada vez mais estreita entre ele e o seu trabalho pelos motivos citados acima nesse estudo.

### **2.2. Estresse**

O bem estar mental e físico do profissional bem como seu trabalho, saúde e vida pessoal são fatores relevantes nas pesquisas sobre estresse, pois são nestes aspectos da vida do indivíduo em que o estresse é mais presente. Nessa linha Limongi-França (2002) destaca que “o estresse é vivido no trabalho pela capacidade de adaptação, na qual sempre está envolvido

o equilíbrio obtido entre exigência e capacidade”. Se equilíbrio for atingido, obter-se-á o bem estar, se for negativo, gerará diferentes graus de incerteza, conflitos e sensação de desamparo. O estresse é talvez a melhor medida do estado de bem estar da pessoa, já que a qualidade de vida no trabalho é individualizada por meio de suas diferentes manifestações de estresse.

Filgueiras e Hippert (1999) em seu artigo menciona o trabalho de Selye (1959) no âmbito biológico sendo ele o pioneiro na tentativa de definir o estresse como um fenômeno que causa mudanças na composição química do corpo e mexe com toda a estrutura do indivíduo, podendo advir de qualquer doença e passível de percepção e mensuração de seu nível.

Ainda mencionam que o estresse é consequência do processo e das pressões que o indivíduo sofre na adaptação, chamado pelo autor de “Síndrome Geral da Adaptação (SGA)”. A SGA causa além de outras mudanças, a dilatação do córtex da suprarrenal, atrofia dos órgãos linfáticos e úlceras gastrointestinais e perda de peso. Selye divide em três formas o desenvolvimento do estresse, como fase de alarme, fase de resistência e por último a fase de exaustão, na qual o indivíduo pode ter um colapso.

Dessa forma, o estresse pode ser definido por Pafaro e Martino (2004, p. 153) “como um desgaste geral do organismo, causado pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando o indivíduo é forçado a enfrentar situações que o irrite, excitem, amedrontem, ou mesmo que o façam imensamente feliz”.

Jacques (2003) cita um conceito definido por Glina e Rocha (2000), no qual ressaltam que estresse não é uma doença, ele vem com o cotidiano de vida do indivíduo e não apenas com seu trabalho, e é uma tentativa de se adaptar a sua vida, e que devido à importância que se dá ao seu trabalho, este se torna um dos fatores mais agravantes do estresse.

Segundo Schmidt *et al.* (2009), o estresse contínuo relacionado ao trabalho também constitui um importante fator determinante dos transtornos depressivos e de outras doenças, tais como, síndrome metabólica, síndrome da fadiga crônica, distúrbios do sono, diabetes e síndrome de Burnout.

Os sinais e sintomas que ocorrem com maior frequência são do nível físico como: aumento da sudorese, nó no estômago, tensão muscular, taquicardia, hipertensão, aperto da mandíbula e ranger dos dentes, hiperatividade, mãos e pés frios e náuseas. Em termos psicológicos, vários sintomas podem ocorrer como: ansiedade, tensão, angústia, insônia, alienação, dificuldades interpessoais, dúvidas quanto a si próprio, preocupação excessiva, incapacidade de concentrar-se em outros assuntos que não o relacionado ao estressor, dificuldades de relaxar, tédio, ira, depressão e hipersensibilidade emotiva. (PAFARO e MARTINO, 2004, p. 153)

Mady (2013) ressalta que as consequências do estresse nos profissionais são variadas, e que a mais marcante delas é a síndrome de Burnout, o qual é uma “avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação ao outro”.

No ambiente de trabalho, as consequências se refletem na dificuldade do profissional em exercer suas funções de maneira adequada, por estar sofrendo ele se tornará insatisfeito com seu trabalho, ocasionando em baixo desempenho, faltas ou atrasos, e principalmente diminuição da qualidade dos seus serviços, podendo afetar a comunidade ao seu redor (MONTANHOLI, TAVARES E OLIVEIRA, 2006).

### **2.3. Qualidade de vida e estresse dos profissionais de enfermagem**

Martins afirma que “a profissão de Enfermagem, desde as suas origens, está ligada à noção de “cuidar”, noção esta que se refere à prestação de cuidados e que está relacionada também com a noção de sobrevivência das pessoas”. Das primeiras definições para enfermagem até hoje já ocorreram muitas mudanças no modo de pensar sobre a

profissão, onde nos primórdios a profissão era praticada pelos menos afortunados ou pela “escória” da sociedade como forma de se redimirem dos pecados. Hoje a profissão é reconhecida e conceituada como de suma importância para a humanidade, estando relacionada na vida das pessoas desde o seu nascimento até a morte.

O papel do profissional de enfermagem engloba todos os cuidados referentes às necessidades do paciente internado no hospital, desde aspectos físicos como alimentação, higiene e ministrar medicamentos, além de outros cuidados com a saúde do paciente, a aspectos emocionais como apoio ao paciente e a sua família, onde o profissional precisa passar segurança e tranquilidade para os mesmos.

Assim, é preciso ressaltar que todos esses cuidados que fazem parte do trabalho dos enfermeiros vêm à custa de esforço e sacrifício, com longas jornadas de trabalho, turnos alternados entre diurno e noturno, além da sobrecarga de atividades e muitas vezes em um ambiente sem motivação.

Diante disso, nos profissionais de enfermagem o estresse é percebido seja no cotidiano, nos afazeres diários e na rotina do trabalho.

Para eles o estresse surge das pressões e da tensão em se realizar várias atividades em um curto prazo de tempo, e de forma mais eficiente possível, com alto nível de responsabilidade, pois lidam com vidas humanas, além das complexas interações com pacientes e seus parentes, com os médicos e com algumas situações de sofrimento, desespero e até morte.

Existem diversas formas de mensurar o estresse ocupacional do enfermeiro, dentre as quais podemos citar a entrevista livre, o registro cursivo e a utilização de questionários identificando os estressores, a intensidade e a frequência destes na profissão. (STACCIARINI; TRÓCCOLI, 2000).

**Figura 1 - Fatores estressantes no ambiente de trabalho**

<b>Fatores Inerentes ao Trabalho</b>	<b>Relações no Trabalho</b>	<b>Estrutura Organizacional</b>	<b>Papéis Estressores</b>	<b>Estressores na Carreira</b>	<b>Interface trabalho - casa</b>
Condições Inadequadas de Trabalho	Relações difíceis com o chefe	Estilos de gerenciamento	Papel Ambíguo	Falta de desenvolvimento na carreira	Dificuldade em conciliar esta interface
Turno de Trabalho	Relações difíceis com colegas	Falta de participação	Papel Conflituoso	Insegurança no trabalho	
Carga Horária	Relações difíceis com clientes	Comunicação insuficiente.	Grau de responsabilidade com pessoas e coisas		
Salário					
Riscos					
Quantidade de Trabalho					

Fonte: Stacciarini e Tróccoli (2001)

Stacciarini e Tróccoli (2000) em seu trabalho ressaltam a importância que tem sido dado aos estressores ocupacionais na profissão de enfermagem, esses oriundos da prática das atividades da profissão, sendo considerado mais suscetíveis a esse estresse. Ainda, eles definem o estresse ocupacional como

um problema negativo, de natureza perceptiva, resultado da incapacidade de lidar com as fontes de pressão no trabalho. Provoca consequências sob forma de problemas na saúde física e mental e na satisfação no trabalho,

comprometendo o indivíduo e as organizações (STACCIARINI; TRÓCCOLI, 2001, p. 18).

Em outro trabalho Stacciarini e Tróccoli (2001), dividi em seis grupos os fatores que provocam estresse no ambiente de trabalho, estes demonstrados na Figura 1.

### **2.3.1. Sobrecarga no trabalho**

Stacciani e Tróccoli (2001), em seu trabalho expõem que o exercício de muitas atividades gera tanto desgaste no nível físico quanto no emocional, levantando questões como as várias atividades que são desenvolvidas ao mesmo tempo e a falta de tempo pra realiza-las, causando assim a sobrecarga. Ainda nessa categoria é importante ressaltar outros fatores que geram sobrecarga no trabalho, como a jornada dupla e os turnos de trabalho.

Segundo Pafaro e Martino (2004), os turnos de trabalho podem influenciar no desenvolvimento do estresse nos profissionais de enfermagem, pois com as jornadas noturnas, esses profissionais tendo somente o sono diurno, sofrem mais interrupções durante seu sono afetando tanto à duração quanto a qualidade. Portanto, essas jornadas noturnas causam desconfortos e mal estar no funcionário, afetando o seu rendimento no trabalho. Ainda de acordo com Pafaro e Martino (2004) o fato da remuneração na área da saúde ser baixo, levando em consideração a economia nessa área, os profissionais de saúde necessitam enfrentar uma jornada dupla de trabalho, para conseguirem sustentar seus lares e famílias. Fazendo essas pessoas se sobrecarregarem com mais de um trabalho, além dos afazeres diários, famílias e muitas vezes o estudo ao mesmo tempo.

### **2.3.2. Condições de trabalho**

Esse tópico ressalta a estrutura física, o ambiente de trabalho e a falta de recursos como fontes estressoras para os profissionais de enfermagem. Stacciani e Tróccoli (2001) conseguiram identificar em sua pesquisa que a maior parte das reclamações dos profissionais de enfermagem são os recursos humanos e materiais inadequados, ou até mesmo a falta deles para a realização de suas funções.

Elias e Navarro (2006) destaca que o ambiente hospitalar é um ambiente perigoso e difícil de trabalhar, por conta das muitas doenças presentes nesse ambiente além de na maioria das vezes estar relacionado a sentimentos tristes e morte. Portanto os trabalhadores estão sempre correndo riscos no aspecto físico, como acidentes e doenças, e emocionais, por estarem sempre lidando com o sofrimento das pessoas ao redor.

Batista e Bianchi (2006) através de seu estudo confirmaram que a insuficiência de recursos no hospital para o desenvolvimento das atividades leva os profissionais a desenvolverem problemas físicos e psicológicos. A falta de pessoal na equipe de enfermagem traz consequências como, o grande número de tarefas que deveriam ser divididas, e que se acumulam a poucos indivíduos, fazendo com eles sejam pressionados a realizarem um grande número de tarefas em um curto espaço de tempo.

### **2.3.3. Relações interpessoais**

No trabalho de Stacciani e Tróccoli (2001) verifica-se a dificuldade entre os profissionais de se relacionarem e interagirem uns com os outros, no seu estudo eles identificaram que a causa dessa dificuldade está na falta de sintonia, na indefinição do papel que cada um exerce e o preconceito com o enfermeiro.

Stacciani e Tróccoli (2001) ressaltam ainda que a relação do profissional com o paciente como fonte estressora, essa depende de como o paciente reage e a sua patologia. O fato de lidar com as exigências do paciente, levando em consideração o seu sofrimento e o desespero do familiar do mesmo, e além das pressões já existentes no seu trabalho, gera

problemas de estresse no profissional. Porém, mesmo sendo penoso lidar com todos esses aspectos o profissional de enfermagem precisa dar apoio ao paciente e seu familiar ajudando-os a passar pelo processo da melhor forma possível.

Os profissionais são cobrados constantemente a realizarem deveres geralmente impossíveis de serem feitos, entre outros fatores pela falta de tempo. Porém, não sentem que são recompensados ou reconhecidos por seus esforços. Além disso, eles precisam exigir que outros cumpram com seus deveres da mesma forma que eles são pressionados a fazerem. (STACCIANI E TRÓCOLI, 2011)

A partir daí pode-se atentar a outro fator desgastante no trabalho do profissional de enfermagem, Siqueira *et al* (1995) em seu artigo explica que as discordâncias entre os níveis hierárquicos dentro da ala de enfermagem, tornam as funções a serem desempenhadas confusas para os profissionais. Os autores verificaram a existência de muitas queixas dos auxiliares de enfermagem por terem de assumir responsabilidades mais complexas, enquanto os enfermeiros assumem atividades mais burocráticas. Há ainda outras rivalidades como, diferenças no salário, na quantidade de tempo trabalhado, tendo ocasiões como essas em várias áreas do hospital e não somente na enfermagem.

#### **2.3.4. Questões pessoais**

Para Lentz *et al* um dos aspectos mais considerados no que se refere à qualidade de vida do indivíduo está ligado ao reconhecimento, satisfação no trabalho, valorização como profissional de enfermagem e realização pessoal e profissional. Afirma ainda que "A valorização, o desenvolvimento e o reconhecimento são fundamentais para a realização pessoal e vice-versa. Estes complementam o ser e o fazer na enfermagem [...]"

Lentz, *et al* (2000), expõe como contribuintes para a melhoria da qualidade de vida do público estudado, o fato de terem em sua vida privada experiências de lazeres, como cinema, leitura, esportes e interações. E tendo como provas do bem estar, uma boa saúde física, se considerar uma pessoa feliz e se sentir satisfeito, estes ligados a fatores de sentimentos de paz e bem estar espiritual.

Pafaro e Martino (2004), a remuneração na área da saúde é baixa, levando os profissionais muitas vezes a terem mais de um trabalho para complementar a sua renda. Stacciani e Trócoli (2001) também menciona questões salariais em seu artigo. Eles comprovaram que os profissionais percebem que sua remuneração é insatisfatória em relação a sua função desempenhada. Eles esperam ganhar mais pelo nível de instrução que possuem, além de considerarem o fato de ganharem pouco uma causa do estresse.

#### **2.3.5. Elementos atenuantes**

Por meio de seu estudo Stacciani e Trócoli (2001) identificaram que apesar do trabalho estressante, alguns fatos amenizam os problemas enfrentados pelos profissionais, como a realização que sentem ao executarem seu trabalho, principalmente quando feito em ambiente e condições propícias, sendo capazes de cumprir suas tarefas. Outros fatores atenuantes são quando gostam e sentem satisfação pelo trabalho, sentem que são valorizados e reconhecidos por suas realizações.

Outro fator atenuante para o trabalhador foi comprovado pelo estudo desenvolvido por Lentz *et al* (2000), que o relacionamento com a família, amigos e com os outros colegas de trabalho influencia de forma positiva no bem estar do profissional de enfermagem. Os autores ressaltam a importância de encorajar esses profissionais ao convívio social, a interação com outras pessoas, pois isso desenvolve sentimentos no ser humano que contribuem com sua vida. E ainda explicam que essa importância se dá pelo fato "de não vivermos totalmente independentes" na sociedade.

### 3. Metodologia

O presente estudo é de natureza aplicada com uma abordagem qualitativa. O método de procedimento utilizado foi o estudo de caso por se mostrar o mais adequado para avaliar o fenômeno em seu ambiente natural (YIN, 2001; GODOY, 2010). Com essa abordagem, foi possível descrever com mais profundidade e compreender a relação dos entrevistados com seu ambiente de trabalho, suas funções e como elas afetam sua saúde e suas vidas, para assim analisar a influência dos mesmos no estresse e qualidade de vida, sendo esse o objetivo desse estudo.

A pesquisa foi realizada em um hospital privado, localizado em um Município do Triângulo Mineiro. O mesmo foi escolhido como objeto dessa pesquisa por ser um dos mais importantes em atendimento à população na região. E também por ser grande, tem mais condições de contribuir com esse estudo, além de oferecer mais informações relevantes à pesquisa.

Após a aprovação e a autorização formal para execução da pesquisa pela alta direção do hospital, a coleta de dados foi realizada em três frentes de trabalho: a primeira frente relacionada à análise documental, a segunda frente sob o enfoque de observação e, por fim, a terceira frente por meio de entrevistas.

A coleta de dados documental foi feita a partir da análise de documentos e arquivos que foram disponibilizados pelo hospital como: Histórico do hospital estudado; Declaração de existência de cursos e treinamentos chamados de "Educação Continuada"; Projetos de treinamentos e seminários realizados no hospital para o setor de enfermagem.

A observação de campo foi feita em vários períodos do dia, nos turnos de trabalho da manhã, tarde e noite e durante os intervalos entre as entrevistas com as enfermeiras. Foram feitas anotações do que era observado na dinâmica e movimentação da equipe de enfermagem, nos vários postos das equipes e como ocorriam as chamadas para atendimento aos pacientes, além da relação dos membros entre si, com as chefias e com os médicos. Procurou-se observar também as expressões e reações das enfermeiras e técnicas, e identificar se havia indícios de cansaço e fadiga durante suas tarefas.

No hospital trabalham-se aproximadamente trinta profissionais de enfermagem, sendo todas mulheres, e dentre estas estão às enfermeiras e os técnicos de enfermagem. A definição das entrevistadas foi feita por meio de voluntariado. Portanto, foram dadas as profissionais de enfermagem informações a cerca do estudo realizado como tema da pesquisa, justificativa e o anonimato tanto do hospital quanto do profissional. Estabeleceu-se uma agenda de entrevistas de acordo com a disponibilidade de horários das entrevistadas.

**Figura 2: Categorias de análise**

<b>Referência</b>	<b>Categorias de Análise</b>
Stacciani e Trócoli (2000); Pafaro e Martino (2004).	Sobrecarga no Trabalho
Stacciani e Trócoli (2001); Elias e Navarro (2006); Batista e Bianchi (2006).	Condições de Trabalho
Stacciani e Trócoli (2001); Siqueira <i>et al</i> (1995).	Relações Interpessoais
Stacciani e Trócoli (2000); Pafaro e Martino (2004); Lentz <i>et al</i> (2000).	Questões Pessoais
Stacciani e Trócoli (2001); Lentz <i>et al</i> (2000).	Elementos Atenuantes

Fonte: Elaboração própria



Ao todo as observações e as onze entrevistadas foram realizadas em turnos alternados entre manhã, tarde e noite, durante um período de trimestre no início de 2014. Ao verificar uma saturação nas respostas, optou-se por finalizar o processo de entrevista.

No momento da entrevista, todos os sujeitos de pesquisa preencheram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso das respostas para a presente pesquisa. Aplicou-se um formulário semi-estruturado como instrumento de coleta de dados. E, por fim, as entrevistas foram gravadas e transcritas.

A base teórica utilizada para o procedimento de análise de dados foi desenvolvida a partir da estrutura de análise de conteúdo descrita no método de estudo descrito em YIN (2001) e GODOY (2010). Para isso, elaborou-se uma pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. As categorias de análise foram relacionadas de acordo com a figura 2, a partir do referencial.

## **4. Análise e Resultado**

### **4.1. O objeto do estudo de caso**

O hospital estudado é uma organização privada que foi fundada em meados da década de sessenta, por dois médicos. Conta com alguns serviços terceirizados como: laboratório de análise clínicas, ultrassom, secretárias dos médicos, departamento pessoal, contabilidade, fisioterapia e lavanderia. A estrutura física do hospital consiste em térreo com três salas de espera, ambiente lúdico, recepção, sala de reunião da equipe médica e elevador. No 1º Andar, a ala direita abrange o posto de enfermagem 3, com duas suítes, sete apartamentos, salas de endoscopia, sala de repouso, sala de ecocardiografia, sala de espera central, centro cirúrgico com quatro salas e cirurgia e sala de recuperação. A ala esquerda com posto de enfermagem 2, com doze quartos, dispensário de medicamentos, farmácia e sala de manutenção. No 2º Andar, na ala direita suporta o posto de enfermagem 4, com uma suíte, seis apartamentos e três quartos, clínica de fisioterapia, sala de ecocardiografia e almoxarifado. A ala esquerda possui salas de esterilização, sala de neonatologia, um auditório, UTI com quatro leitos, antessala, sala de psicologia e nutrição. Conta também com trinta e seis leitos, sendo estes, três suítes, quatro leitos de UTI.

O hospital também trabalha com alguns projetos como: ambulância da alegria, dia de música, avaliação de qualidade, cartão de aniversário para o colaborador, luta pelo luto, oficinas terapêuticas para pacientes, treinamento / seminários desenvolvido pelo setor de psicologia com os colaboradores, educação continuada desenvolvida pelo setor de enfermagem, CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidente de Trabalho), SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidente de Trabalho), reunião de esclarecimento de obesidade, festa de confraternização para a equipe, comissão de ética da enfermagem e pesquisa em psicologia hospitalar, dentre outros.

Foram analisados os seguintes documentos: histórico do hospital estudado; declaração de existência de cursos e treinamentos chamados de "Educação Continuada"; projetos de treinamentos e seminários realizados no hospital para o setor de enfermagem. A análise desses documentos possibilitou melhor compreensão da estrutura física do hospital, e contribuiu para análise da categoria condições de trabalho, onde as entrevistadas afirmam que o espaço físico é satisfatório, além dos recursos de trabalho. Com os documentos percebe-se também a preocupação do hospital estudado em oferecer cursos e treinamentos, ministrar seminários e outros projetos regularmente para a equipe de enfermagem, contribuindo também para a análise da categoria questões pessoais, no quesito desenvolvimento profissional.

Em termos de observação, ao entrevistar uma enfermeira que acabava de entrar para seu turno (noturno), foi possível notar seu cansaço e desânimo logo no início do seu turno, pois havia acabado de chegar ao hospital. Em termos de ambiente, verificou-se que a

maioria dos profissionais, do hospital, são educados e cordiais uns com os outros, cumprimentam todos os visitantes de bom humor. Ao observar o ambiente hospitalar estudado notou-se uma estrutura bem cuidada, há sempre profissionais fazendo a higiene do local, os corredores e ambientes mais públicos como salas de espera são arejados e iluminados, porém alguns quartos são quentes principalmente levando em consideração o clima da cidade. Percebeu-se pelas palavras dos profissionais de enfermagem que não há preocupação com falta de material, ou com o espaço físico, o hospital é considerado bem organizado nesse aspecto. As salas das enfermeiras chefes são compartilhadas por elas, ou seja, cada uma ocupa a sala durante o seu turno, não é muito espaçosa, mas é arejada e bem iluminada.

Com respeito à relação entre os profissionais, observou-se trocas de palavras amigáveis, cordiais, algumas são mais alegres, outras têm as expressões mais severas, mas durante a observação não foi constatado nenhuma discórdia entre eles.

Quanto aos cursos e treinamentos dentro do hospital estudado, acompanhou-se o evento em que a enfermeira coordenadora em que ministra mensalmente a chamada “educação continuada” com os colaboradores enfermagem, no próprio hospital, levando temas diversos da área de enfermagem exigidos pela legislação trabalhista quanto à orientação do trabalhador.

As psicólogas do hospital também realizam seminários e treinamentos com todos os colaboradores do hospital, abrangendo também os trabalhadores da enfermagem, periodicamente com palestrantes de fora que trazem temas variados, para ensinar, lembrar ou até levar uma visão diferente da profissão de enfermagem.

Foi possível verificar, por meio da observação, que a maior parte das categorias sugeridas durante o trabalho para serem analisadas corroboram com as questões feitas para os profissionais durante as entrevistas.

#### **4.2. Análise sobre sobrecarga de trabalho**

Em relação à sobrecarga de trabalho pode-se perceber que a maior parte dos entrevistados sente que estão com sobrecarga de trabalho, algumas delas por estarem em mais de um emprego, e outras por aceitarem fazer jornada dupla quando o hospital necessita, e até mesmo pelo desgaste físico e emocional que sofrem ao atender os pacientes e seus acompanhantes. Conforme é descrito em Stacciani e Trócoli (2001), muitas atividades a serem realizadas em um curto espaço de tempo, ou a algumas atividades que causam desgaste tanto físico como emocional ao trabalhador, bem como o turno de trabalho e jornada dupla. Na maioria dos casos, as entrevistadas relataram que apesar de trabalharem em regime de doze de trabalho por trinta e seis horas de descanso, em algumas situações elas fazem uma jornada maior. Segundo a entrevistada (5) “jornada dupla não, mas às vezes fazemos horas, quantas forem necessárias para deixar o serviço em ordem.” E por último, verificou-se que a sobrecarga ocorre devido à entrevistada estar em mais de um emprego: “Na verdade eu tô com três trabalhos, eu faço diurno aqui, noturno no paciente particular e retorno outro dia e faço um diurno aqui de seis horas. Eu faço na verdade... tô fazendo trinta horas nesse mês.” (Entrevistada 9).

Quanto às atividades realizadas por elas, ao serem perguntadas se elas sentem que têm desgaste tanto físico quanto emocional, a maioria reclamou mais do fato de lidar com os acompanhantes e com os próprios pacientes, devido às exigências e a maneira que são tratadas por eles, como é comprovado pelas entrevistadas.

“... o pessoal de fora não os paciente, mas os acompanhante, eles já chegam estressado, já chega com falta de educação, então já chegam assim é... querendo impor uma coisa que não é do seu...da sua alçada, fazer da sua obrigação...então assim maltrata a gente, falam coisas que a gente não merecia ouvir...” (Entrevistada 7)

Algumas reclamaram também no aspecto físico, o desgaste que sofrem ao transportar os pacientes, na hora do banho e ao fazer exames. Pois como uma delas observou, o hospital estudado não possui um maqueiro, pessoa responsável por transportar o paciente na maca, são elas mesmas que carregam. “Também, porque acaba que você pega paciente, você passa de uma cama pra outra, e aí tem paciente obeso, aqui não tem maqueiro, somos nós mesmos né que leva a maca, então acaba que você faz um esforço físico sim.” (Entrevistada 8)

### **4.3. Análise sobre condições de trabalho**

Ao analisarmos a categoria citada no texto como condições de trabalho, já explicada por Stacciani e Trócoli (2001) como referente ao aspecto físico do ambiente hospitalar como as estruturas físicas, os recursos de trabalho disponíveis e a falta de profissionais na área da enfermagem, resultando no acúmulo de muitas tarefas nas mãos de poucos. Ao realizar as entrevistas pode ser verificado que esse requisito da categoria contribui para a qualidade de vida dos profissionais do hospital, pois a disponibilidade de recursos materiais, bem como o espaço físico do hospital são bem satisfatório na opinião da maioria, como demonstra a entrevistada (7) “...o pessoal aqui eles são bem criteriosos com esse quesito, então eles não eixam faltar nada, o que precisa a gente passa pra frente e eles arrumam um jeito de conseguir, de fazer.”

Já um aspecto que foi comentado por algumas das entrevistadas e já explicado no texto por Batista e Bianchi (2006), refere-se à falta de profissionais na área de enfermagem, afetando assim a quantidade de trabalho para cada trabalhador, tarefas que poderiam ser realizadas por mais de uma pessoa, acumula em uma só por falta de mão-de-obra. O conteúdo das respostas dadas pelas entrevistadas oferece embasamento para essa ideia, como demonstra a seguir pela entrevistada (4) “Como já falta profissional, às vezes acontece deles faltarem, e nós temos que fazer o nosso trabalho e ainda a do colega.”

“Na maioria das vezes, na maioria das vezes sim. Bem sobrecarregada. Assim é o total de paciente, no caso eu teria capacidade de trabalhar com cinco paciente que hoje é o permitido né, que a gente fica com máximo de cinco, mas às vezes eu fico até com dez ou mais.” (Entrevistada 6)

Outro fator inerente às condições de trabalho, citado por Elias e Navarro (2006), está em lidar com o paciente, tanto o seu sofrimento quanto o da família do mesmo. Pôde-se perceber pelas entrevistas realizadas que as opiniões se dividiram, que esse aspecto da categoria não é um fator estressante na vida profissional delas, algumas afirmam que não são afetadas, e que por escolherem essa profissão pensam que não devem deixar serem prejudicadas pelo emocional da situação e devem também saber separar o trabalho do pessoal, conforme verificado na entrevista a seguir:

“... eu não posso me envolver porque senão eu não dou conta de fazer o meu trabalho. A gente precisa trabalhar o nosso emocional porque na nossa área inclusive tem pessoas que não consegue, se você não conseguir trabalhar o seu emocional, você não consegue conviver, porque você vai vier aquela situação né, mas assim graças a Deus eu saio daqui, eu penso, eu penso naquele paciente que tá sofrendo mas eu não chego a me envolver não, não prejudica não.” (Entrevistada 9)

Já em outras entrevistas percebeu-se que sim pode ser um fator estressante para essas profissionais, pois dizem serem afetadas um pouco em seu emocional em alguns casos, e algumas vezes acontece de levar essa angustia para seu lar.

“Às vezes tem casos de pacientes em caso terminal, aí a gente conversa com a família, porque a gente vê o sofrimento dela, às vezes até a gente fica um

pouco abatido, porque às vezes é algum parente também e pode ser algum amigo, então é bem difícil às vezes lidar, aí às vezes a gente chama até a psicóloga pra poder conversar.” (Entrevistada 1)

#### **4.4. Análise sobre relações interpessoais**

Na categoria relações interpessoais citado por Stacciani e Trócoli (2001) como os aspectos inerentes da relação entre os profissionais da enfermagem, a relação dos mesmos com os médicos, com a chefia e com os pacientes. Ao levar em consideração as respostas das entrevistadas podemos perceber que a relação com a chefia e com seus colegas de trabalho é um aspecto contribuidor para a qualidade de vida das enfermeiras, a maioria concorda que a relação no setor de enfermagem é tranquila entre elas, com sua chefia, as enfermeiras chefes e as gestoras do hospital, conforme a entrevistada (4) “Não tive nenhum problema, também me relaciono bem com eles.”

Já com relação à convivência com os médicos a maioria das entrevistadas concorda que a maneira que alguns deles as tratam, causa aborrecimento nelas. Segundo elas alguns são sem educação e às vezes até agressivos na maneira de falar com elas, causando mal estar e afetando o emocional delas. Podendo concluir assim que esse fato pode contribuir para o aumento de estresse para elas. Como pode ser verificado:

“... Agora mudou muito, mas antes era... alguns grita, é agressivo, igual teve um que me chamou de burra por telefone, chorei a ufa, mas depois pediu desculpa... às vezes eu chego em casa, aí eu levanto, acordo cedo, falo nossa mas eu tenho que ir de novo pra lá, nossa será que o fulano vai tá de plantão...” (Entrevistada 10)

#### **4.5. Análise sobre questões pessoais**

Nessa categoria, entra a vida pessoal desses profissionais, a saúde física e mental como o seu bem estar e lazeres fora do trabalho. Grande parte das entrevistadas afirma que tem lazer fora do trabalho, apesar da profissão exigir trabalhar em feriados e finais de semana, confirmando que esse aspecto contribui para a qualidade de vida, conforme a entrevistada (3) “Tenho, acho que ficar com meus amigos, eu já fiz academia dois meses, vou voltar agora em fevereiro, gosto muito de ler.”

Ao realizar as entrevistas é possível identificar que uma parte do grupo entrevistado considera que está com a sua saúde boa. Apesar disso, outras disseram ter alguns problemas de saúde por conta do trabalho, como o desgaste do corpo pelo trabalho pesado, e a maior parte apresenta um desgaste no lado mental como uma delas dizendo que tinha acabado de se tratar de uma síndrome de pânico. Assim, pode-se considerar como um fator gerador de estresse, principalmente a saúde mental onde foi possível através das entrevistas comprovar esse fato, como a entrevistada (1) “... Mental, às vezes a gente fica um pouco abatido, fica às vezes... tem dias que até a gente fica desmotivada a vir trabalhar, fica muito cansativo no que... nas coisas às vezes que acontecem que não dão certo.”

“... eu sou totalmente desgastada, tudo. Joelho, coluna já não presta mais... Do trabalho... Quando fica muito tempo sem tirar férias vai ficando cansada, já não tá aguentando mais, vai chegando os dias já de... uns dois, três meses antes já vem amarrado mesmo trabalhar, porque não tá dando conta... É muita correria, vai...cansaço acumulado, vai acumulando vai chegando uma hora que você vem trabalhar mesmo porque precisa.” (Entrevistada11)

Outro elemento que está nessa categoria e relacionado com a satisfação é a remuneração, que através das pesquisas foi possível perceber que a maior parte das entrevistadas pensam que é muita baixa se comparada a remuneração de outras classes trabalhadoras, pelo nível de cuidado e responsabilidade que essa profissão exige, por

trabalharem com vidas humanas. Assim, acabam se sentindo desvalorizadas por seu trabalho. Conforme as entrevistas pôde-se perceber que esse fator é um grande causador de estresse

“Eu acho injusta, eu acho que é uma classe que assim por ter tantas... responsabilidades, porque mexer com vida é muita responsabilidade e você... eu vou falar em nível técnico agora, você ganhar praticamente o mesmo ou menos que uma vendedora de uma loja que não tem responsabilidade com vida, eu acho injusto.” (Entrevistada 8)

Já no requisito realização no trabalho, valorizado por Lentz *et al* (2000) no texto acima, pode-se concluir que coopera na qualidade de vida, apesar de algumas entrevistadas afirmarem de que gostariam de mais oportunidades de fazer cursos e a remuneração ser baixa, a maioria delas se sentem realizadas no trabalho, principalmente por gostarem do que fazem, conforme a entrevistada (1): “Gosto, sempre tive o sonho de trabalhar em área de hospital, de enfermagem, e quando teve a oportunidade eu não pensei duas vezes em aceitar.”

#### **4.6. Análise sobre elementos atenuantes**

A última categoria proposta no texto como elementos atenuantes, ressalta que apesar da profissão de enfermagem ser sofrida e que enfrenta diversas dificuldades no seu dia-a-dia, oferece também algumas gratificações, como o reconhecimento e admiração dos pacientes, amigos e familiares. Nesse estudo, foi possível perceber alguns elementos que atenuam os problemas que a profissão traz ao trabalhador, citado por Stacciani e Trócoli (2001) como o ambiente propício que o hospital estudado oferece aos seus funcionários, além da disponibilidade satisfatória de recursos materiais para realizarem seu trabalho. Pôde-se concluir que o hospital coopera com a qualidade de vida dos profissionais nesse aspecto como foi dito anteriormente, na análise sobre condições de trabalho.

Outro elemento atenuante que foi possível ligar a qualidade de vida das enfermeiras foi o amor pela profissão, no qual obteve concordância geral do grupo estudado, podendo perceber por uma das respostas que é um elemento muito importante como fator atenuante, conforme entrevistada (7) “Amo, tenho idolatria pela enfermagem...”. Outro fator atenuante para as enfermeira é o agradecimento que elas recebem dos pacientes e poder ver que eles se curaram com o auxílio delas, contribuindo também para a qualidade de vida delas.

“O prazer e amor que eu sinto com o trabalho que eu faço é ao ver o paciente indo embora, porque na maioria das vezes ele procura a gente por uma dor ou por uma outra doença, eles veem que a gente faz nosso serviço bem, saem daqui felizes, agradecidos e isso é muito bom pra gente.” (Entrevistada 1)

A maioria das entrevistadas também possui uma boa relação com seus amigos e familiares, uma parte delas afirmam que a relação é tranquila e que eles aceitam tranquilamente e dão apoio ao trabalho que escolheram, o que contribui para a qualidade de vida delas, segundo a entrevistada (1): “Não, minha família aceita bem o que eu escolhi, porque isso era o que eu sempre queria e eles me deram muito apoio.”

#### **5. Considerações Finais**

O presente estudo teve o intento de estudar a situação em que se encontra a qualidade de vida e o estresse dos profissionais de enfermagem de um hospital privado do Triângulo Mineiro. Esse trabalho é importante tanto para promover futuros estudos sobre o tema, cada vez mais presente atualmente, quanto para os gestores de hospitais em geral terem a oportunidade de se interessarem e adquirir mais informações a respeito do bem estar de seus profissionais e incentivá-los a buscarem métodos de controle dos males que a profissão de enfermagem acaba trazendo ao trabalhador.

O trabalho tem como problema a ser pesquisado a qualidade de vida dos profissionais da área de enfermagem em seu ambiente de trabalho. Assim, adotou-se por objetivo geral analisar a relação entre a qualidade de vida e o nível de estresse para os profissionais da enfermagem de um hospital privado do Triângulo Mineiro. Para isso, especificamente buscou-se identificar questões relacionadas ao ambiente de trabalho, sobrecarga de trabalho, disponibilidade de recursos, questões familiares e pessoais e por fim a existência de elementos que possam atenuar o estresse.

Ao buscar responder esses objetivos específicos, encontrou-se primeiramente na questão sobrecarga de trabalho, que todos os aspectos inerentes a esse assunto já mencionados acima, podem ser considerados causadores de estresse nos profissionais, incluindo as horas extras trabalhadas, estar empregado em mais de um trabalho e o desgaste físico e emocional ao lidar com os pacientes.

Quanto às condições de trabalho, pôde-se notar que esta contribui para a qualidade de vida dos enfermeiros, pois diante das entrevistas realizadas foi possível perceber que o hospital estudado consegue suprir satisfatoriamente os profissionais em seu trabalho nos quesitos estrutura física hospitalar, disponibilidade de recursos materiais para trabalho, além das enfermeiras estarem bem treinadas para lidar com o sofrimento dos pacientes e seus familiares. Porém, com as entrevistas pôde-se detectar que uma menor quantidade de entrevistados ainda tem alguma dificuldade em lidar com emocional diante da situação de sofrimento e perda, sendo um fator causador de estresse para essa minoria, além da falta de recursos humanos na área, causando assim excesso de atividades a serem realizadas.

Em relações interpessoais nota-se que é um fator que contribui para a qualidade de vida no ambiente de trabalho, principalmente no que diz respeito a boa relação com a chefia e com seus colegas. Contudo, em relação às interações com os médicos é possível concluir que a mesma gera certo estresse para a maioria dos entrevistados, devido ao mau tratamento que elas recebem por parte deles.

Ao analisar as questões pessoais das enfermeiras é possível afirmar que alguns pontos contribuem com a qualidade de vida delas, como o lazer fora do trabalho e o fato de gostarem da profissão. Porém, ao analisar a remuneração, que por ser considerada injusta pela maior parte do grupo, confirma-se que acarreta mais estresse em suas vidas, incluindo-se a saúde tanto fica quanto mental estar prejudicada por conta da profissão.

Quanto aos elementos atenuantes, pode ser incluindo como aspecto importante para a qualidade de vida das enfermeiras, principalmente o fato de terem amor pela profissão sendo esse um elemento unânime nas entrevistas feitas. Outro aspecto está na boa relação entre seus próprios familiares e amigos com a profissão que exercem aceitando e apoiando o que fazem, contribui também para o bem estar, as condições de trabalho serem satisfatórias para a maioria.

Diante disso, pode-se afirmar que apesar das muitas dificuldades e sacrifícios que esses profissionais de enfermagem sofrem, o hospital estudado consegue atenuar boa parte desses problemas. Através das entrevistas e observações foi possível perceber que alguns dos profissionais apresentam certo nível de estresse e outros problemas de saúde, porém a maior parte apresenta tranquilidade, boa saúde e satisfação no trabalho.

É preciso ressaltar as limitações existentes ao realizar essa pesquisa como o número reduzido de entrevistas realizadas em relação ao quadro total de funcionários da enfermagem frente ao total de enfermeiros e técnicos de enfermagem do hospital. Além disso, houve outra limitação relacionada à conveniência de horário e disponibilidade de tempo por parte do grupo de enfermeiras. Mesmo assim, devido à saturação das respostas ao longo das entrevistas, pode-se indicar que as considerações obtidas podem representar todo o corpo de enfermeiros.

Por fim, para futuros estudos, sugere-se que a mesma pesquisa seja feita em hospitais públicos, por estes, historicamente, terem menos recursos.

## 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATISTA, K. M.; BIANCHI, E. R. F. Estresse do Enfermeiro em Unidade de Emergência. **Rev. Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v.14, n. 4, Jul-Ago. 2006.
- COSTA, J. R. A.; LIMA, J. V.; ALMEIDA, P. C. Stress no trabalho do enfermeiro. **Rev. Esc Enferm USP**, São Paulo, v. 37, n. 3. 2003.
- DAUBERMANN, D. C.; TONETE, V. L. P. Qualidade de vida no trabalho do enfermeiro da Atenção Básica à Saúde. **Acta paul. Enferm.**, São Paulo, v. 25, n. 2, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000200019&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002012000200019&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 mar. 2013.
- ELIAS, A. E.; NAVARRO, V. L. A Relação entre o Trabalho, a Saúde e as Condições de Vida: Negatividade e Positividade no Trabalho das Profissionais de Enfermagem de um Hospital Escola. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v. 14, n. 4, Jul-Ago. 2006.
- FILGUEIRAS, J. C.; HIPPERT, M. I. S. **A polêmica em torno do conceito de estresse**. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931999000300005&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98931999000300005&script=sci_arttext&tlng=es) >. Acesso em: 24 ago. 2013.
- GODOY, A. S. Estudo de Caso Qualitativo. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; DA SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e Métodos**. 2a. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- JACQUES, M. G. C. Abordagens Teórico-Metodológicas em Saúde/Doença Mental e Trabalho. **Psicologias e Sociedade**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, jan-jun. 2003.
- LENTZ, R. A.; COSTENARO, R. G. S.; GONÇALVES, L. H. T.; NASSAR, S. M. O Profissional de Enfermagem e a Qualidade de Vida: uma abordagem fundamentada nas dimensões propostas por Flanagan. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 7-14, Ago. 2000.
- LIMONGI-FRANÇA, A. C. **As pessoas na organização**. p. 301. São Paulo: Gente, 2002.
- NOGUEIRA-MARTINS, L. A. Saúde Mental do Profissionais de Saúde. **Rev. Bras. Med. Trab.**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, Jul-Set. 2003.
- MONTANHOLI, L. L.; TAVARES, D. M. S.; OLIVEIRA, G. R. Estresse: fatores de risco no trabalho do enfermeiro hospitalar. **Rev Bras Enferm**, Uberaba, v. 59, n. 5, Set-Out. 2006.
- PAFARO, R. C.; MARTINO, M. M. F. Estudo do estresse do enfermeiro com dupla jornada de trabalho em um hospital de oncologia pediátrica de Campinas. **Rev. Esc. Enferm. USP**, Campinas, v. 38, n. 2, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n2/05.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.
- MADY, L. C. Estudo da Qualidade de Vida em Enfermeiras do Distrito Sanitário do Portão: Conhecendo melhor o profissional de enfermagem. Disponível em: < <http://monografias.brasilecola.com/saude/estudo-qualidade-vida-enfermeiras-distrito-sanitario-.htm> >. Acesso em: 03 mai. 2013.
- MARTINS, M. C. A. Situações Indutoras de Stress no Trabalho dos Enfermeiros em Ambiente Hospitalar. Disponível em: < <http://www.ipv.pt/millennium/millennium28/18.htm> >. Acesso em: 03 mai. 2013.
- REBOUÇAS, D.; LEGAY L. F.; ABELHA, L. Satisfação com o trabalho e impacto causado nos profissionais de serviço de saúde mental. **Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89102007000200011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 mar. 2013.
- RODRIGUES, W. C. Metodologia Científica. FAETEC/IST, Paracambi. 2007. Disponível em: <

[http://professor.ucg.br/siteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues\\_metodologia\\_cientifica.pdf](http://professor.ucg.br/siteDocente/admin/arquivosUpload/3922/material/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf) >. Acesso em: 08 abr. 2013.

SCHMIDT, D. R. C.; DANTAS, R. A. S.; MARZIALE, M. H. P.; LAUS, A. M. Estresse Ocupacional entre profissionais de enfermagem do bloco cirúrgico. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 18, n. 2, Abr-Jun. 2009.

SIQUEIRA, M. M.; WATANABE, F. S. VENTOLA, A., Desgaste Físico e Mental de Auxiliares de Enfermagem: uma análise sob o enfoque gerencial. **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 45-57, Jan. 1995.

STACCIARINI, J. M. R.; TRÓCCOLI, B. T. Instrumento para Mensurar o Estresse Ocupacional: Inventário de Estresse em Enfermeiros (IEE). **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 6, p. 40-49, Dez. 2000.

STACCIARINI, J. M. R.; TRÓCCOLI, B. T. O Estresse na Atividade Ocupacional do Enfermeiro. **Ver. Latino-am. Enfermagem**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 17-25, Mar. 2001.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.